

SÍNTESE POLÍTICA

O quadro da futura sucessão presidencial começa a adquirir contornos mais nítidos, apesar de estarmos ainda a mais de um ano do pronunciamento das urnas. A crônica política não comporta, sobretudo nos países sem maior maturidade democrática, previsões a longo prazo. Em face, porém, das forças que se colocam desde agora, já é possível caracterizar alguns dos fatores que influenciam certas tendências pessoais e partidárias. Se o tempo não confirmar essas tendências, valerá o registro, ao menos, como subsídio para a história, no plano mutável em que se desenrola o jogo político.

PARTIDOS E CANDIDATURAS

COM a fixação dos nomes dos primeiros candidatos ao próximo período governamental da República, o problema político da sucessão do Presidente JUSCELINO KUBITSCHEK entrou efetivamente na ordem do dia. Até pouco estávamos ainda no domínio das conjecturas ou escaramuças, tanto em relação às pessoas, como à composição das alianças partidárias.

Nesta altura, porém, embora cedo para considerarmos definitivamente estabilizados os lançamentos do Marechal TEIXEIRA LOTT e do Deputado JÂNIO QUADROS, pois as Convenções dos principais par-

tidos, que os patrocinam, ainda não se realizaram (só alguns dos pequenos as efetuaram), é, entretanto, indiscutível que ambos aqueles compatriotas tomaram seus lugares na pista, e não há de ser fácil arredá-los do páreo.

O importante, para o observador, não reside somente na escolha dos candidatos, mas em prever — pelos dados notórios — como se hão de comportar os agrupamentos de maior força nas urnas. Referimo-nos evidentemente ao Partido Social Democrático, à União Democrática Nacional e ao Partido Trabalhista Brasileiro; e,

SINTESE POLITICA

mais remotamente, ao Partido Social Progressista (ADEMAR DE BARROS).

Quanto à posição do Sr. JÂNIO QUADROS, tudo autoriza a supor que sua indicação esteja perfeita e acabada. Com efeito, o ex-Governador de São Paulo não condicionou o lançamento de seu nome ao apoio de nenhum dos chamados grandes partidos e, a bem dizer, nem mesmo os cortejou previamente. Sem desconhecê-los (o que seria estulto) ou minimizar a vantagem de merecer a preferência de qualquer dêes, S. Excia. se declarou candidato por ato próprio, na fase final do pleito de outubro do ano passado, de que resultou a vitória do Governador CARVALHO PINTO.

Constitui mesmo um gesto sem precedentes, em nossa crônica republicana, o de um homem público que se auto-apresenta para a chefia da Nação.

Certamente o Sr. JÂNIO QUADROS assim agiu por saber que fortes correntes de opinião o desejavam, como candidato, e o amparariam com os seus votos. Mas segurança de sua adoção, pelos grandes partidos, S. Excia. não a tinha até bem pouco. E ainda não a tem, senão de parte da UDN.

Dêsse modo (já sagrado pelo PTN e pelo PL e, em princípio, pela UDN), a candidatura QUADROS, mais popular do que facciosa, bem pode ser considerada irretroatável, porque S. Excia. conta essencialmente com os sufrágios do povo, não com a disciplina (hoje extremamente precária) das agremiações políticas.

No pé em que as coisas se encontram, o natural é que venham

para o lado dêle, não só a UDN, que virtualmente já lá se acha, como outros partidos menores. Vale dizer que, ressalvadas as contingências da vida humana, haverá inevitavelmente uma candidatura JÂNIO QUADROS no pleito de outubro do ano vindouro.

Quanto à indicação do Marechal TEIXEIRA LOTT, já consumada pela maioria do Diretório Nacional do PSD, está ela ainda na dependência de ser homologada pela Convenção Nacional do Partido. Não temos a mínima dúvida em considerar que a referida indicação transporá essa derradeira etapa, alcançando a oficialização em breve prazo. Há, todavia, algumas áreas resistentes, que dificilmente serão sincera e completamente enquadradas na resolução definitiva. E, se o forem, a adesão será mais aparente do que real. Não é, entretanto, provável que qualquer das seções estaduais se rebelde "oficialmente", como aconteceu em 1955 com as do Rio Grande do Sul e Pernambuco. A última enfileirou-se definitivamente no quadro pessedista, depois da derrota estadual do ano passado; e a primeira não desejará assumir uma posição de ostensiva hostilidade, embora seja notório que a grande massa dos correligionários caminhará, nas urnas, para o lado oposto, isto é, para o Sr. JÂNIO QUADROS, sob a liderança do coronel WALTER PERACCHI BARCELOS.

Aos estranhos à política, seus segredos e manejos, isto parecerá talvez singular. Mas não o é para os que labutam no "batente" partidário. E por uma singela razão: se qualquer seção pessedista se insurgisse contra o voto da Conven-

ção Nacional pró-LOTT, sofreria inexoravelmente a pena de intervenção, ficando os dirigentes rebeldes privados do uso da legenda. O prejuízo que disso advém é enorme, sobretudo no Rio Grande do Sul, onde se efetuarão dentro de três meses as eleições municipais. Daí, as cautelas, as meias-palavras, os panos-quentes de que se estão servindo muitos líderes notoriamente adversos à aliança PSD-PTB e, mesmo, ao nome do Marechal, por motivo dos sucessos de 11 e 21 de novembro de 1955.

O mesmo acontece com a seção fluminense, que não aceitará de bom grado aquela aliança, especialmente se o candidato à Vice-Presidência na chapa LOTT fôr o Sr. JOÃO GOULART.

Cumpra também arrolar, entre os "resistentes", os elementos pessedistas de Mato Grosso. Basta considerar-se que o Sr. JÂNIO QUADROS é filho daquele Estado e nêle desfruta das melhores relações.

Tal, em conjunto e em linhas gerais, a situação do PSD em relação ao Marechal LOTT. Melhor escreveríamos: a situação da candidatura LOTT em relação ao PSD. Bastante delicada, como se vê.

Mas o que a agrava é a condição não-partidária do candidato. O Marechal não é, nunca foi um pessedista, como o Marechal DUTRA; e qualquer filiação, agora, não formaria sentido com as aspirações da massa do PSD.

Evidentemente o PSD sabe que, mesmo rigorosamente unido, do mais alto chefe ao último soldado, não teria força para eleger por si só o novo Presidente. Daí, a ne-

cessidade de aliar-se ao PTB e, se possível, ao PSP.

Ora, o PTB não concordará com essa combinação pró-LOTT sem compensações opimas. A primeira das quais — a indicação, à Vice-Presidência, do Sr. JOÃO GOULART ou outro de seus próceres fiéis à linha radical do partido.

Essa exigência é que está destinada a encontrar a máxima retração, pois os líderes pessedistas entendem que, não sendo o Marechal um correligionário, porém, extrapartidário, se ao PSD não couber o companheiro de chapa de S. Excia. terá dado tudo sem nada ganhar. O raciocínio está na lógica dos partidos, que são extremamente egoístas.

De seu lado, o PTB inverte a questão, e indaga qual o seu interesse em eleger o Marechal, se fôr também obrigado a contribuir para que um pessedista ocupe a Vice-Presidência.

Esse conflito bem pode transformar-se num beco-sem-saída.

Mas a objeção do PSD a um candidato petebista à Vice-Presidência não resulta apenas daquele bem fundado raciocínio, de ordem geral. Ela emana principalmente de repugnâncias regionais. Assim, os pessedistas gaúchos, ainda que chegassem até a candidatura LOTT, dificilmente quereriam ou conseguiriam arrastar seus companheiros a reconduzir o cunhado do Governador BRIZOLA à segunda magistratura da República. A mesma atitude de reserva se verifica, da parte dos pessedistas fluminenses, relativamente ao Governador ROBERTO SILVEIRA.

Para mais dificultar uma solução harmoniosa, entre pessedistas

SÍNTESE POLÍTICA

e petebistas, existe, de parte destes, a suspeita de que aquêles, ainda quando afetassem aceitar a fórmula LOTT-GOULART, não votariam no último. Ou, como vulgarmente agora se diz, iriam "cristianizá-lo".

Este clima de recíprocas desconfianças e reservas foi recentemente azedado pelo Deputado RUY RAMOS, vice-líder do PTB, na Câmara, quando declarou, da tribuna, que seu partido, para cooperar na eleição do Marechal, não se limitaria às exigências contidas no pacto vigente com o Sr. JUSCELINO KUBITSCHK, isto é, a Vice-Presidência, as pastas da Agricultura e do Trabalho, a Carteira Agrícola do Banco do Brasil, a direção da Previdência Social e respectivas autarquias. O preço do apoio teria de ser majorado.

Ora, se o PSD se queixa de que o PTB levou a parte do leão no trato de 1955, fácil imaginar as restrições que oporá às novas vantagens pretendidas pelo aliado.

Quanto ao PTB, é sabido que já realizou sua Convenção Nacional e dela resultou a escolha do Sr. JOÃO GOULART para candidato do partido à sucessão KUBITSCHK.

Transparentemente, aquela decisão não teve outro fito senão fortalecer a posição do Sr. GOULART e dar-lhe boas cartas para o jôgo das combinações com o PSD.

O que o PTB pretendeu (pois nunca acreditou que o PSD viesse a apoiar a solução GOULART para o Catete) foi, daquela forma, garantir-se, em caso de novo acôrdo, com a Vice-Presidência. Objetivo que seria fácil de atingir, se o Marechal LOTT fôsse um pessedista, e que se apresenta incômodo pelo

fato de ser S. Excia. uma personalidade estranha aos quadros majoritários.

Êsses, os aspectos visíveis da candidatura LOTT e as perspectivas de desajustamento entre o PSD e o PTB para marcharem juntos.

É certo que a chamada habilidade dos políticos pode muito e costuma fazer do branco preto e do quadrado redondo. Mas os termos da divergência não são, desta vez, meramente formais. Tocam o fundo do problema.

Embarcará, afinal, o PSD na fórmula LOTT-GOULART? Cederá o PTB a Vice-Presidência a um pessedista ou também a uma personalidade extrapartidária? São interrogações que só o futuro próximo responderá. Mas delas, sem dúvida, dependerá a estabilidade da candidatura LOTT.

De esperar é que, dissipadas as nuvens, quanto possível, o acôrdo PSD-PTB se apresente à Nação como um bloco para os efeitos eleitorais.

Na área do PTB, um fato novo veio abrir uma brecha na sua coesão em tôrno do Sr. JOÃO GOULART e afetar profundamente a posição do partido: a auto-apresentação do Sr. FERNANDO FERRARI à Vice-Presidência da República.

Os desentendimentos, sobretudo programáticos, entre o Sr. FERRARI e a cúpula petebista são antigos e sérios. Já se haviam esboçado quando o partido teve de escolher seu candidato ao Govêrno do Rio Grande do Sul. O Sr. FERRARI foi quem mais se bateu pela escolha do Sr. JOSÉ LOUREIRO DA SILVA contra o Sr. BRIZOLA. Derrotado na Convenção Estadual, preferiu

prudentemente subordinar-se à decisão do órgão legítimo. Agora, o antigo líder trabalhista, na Câmara (imediatamente destituído), já está, porém, em campo, percorrendo o país, recebendo manifestações, granjeando adeptos. Suas flechas marcam duas direções muito importantes na composição das forças populares: os estudantes e as donas-de-casa. Estas, sobretudo, que se acham em plena insurreição pacífica contra a crescente alta dos preços das utilidades indispensáveis à vida das famílias.

Não parece ortodoxa a objeção que a cúpula petebista está opondo à atitude do Sr. FERRARI. Ele não contrariou nenhuma decisão oficialmente tomada pela Executiva Nacional, nem se lançou contra o partido, mas dentro do partido. E, em tese, não comete crime nem merece censuras quem se apresenta aos correligionários, postulando-lhes o voto para uma aspiração legítima. O caso FERRARI é este, não outro. Deputado mais votado em todo o país nas últimas eleições, líder parlamentar de sua bancada, nada mais humano e natural do que considerar-se com direito a disputar, na próxima Convenção do PTB, a escolha de seu nome para a segunda magistratura política da Nação.

Nesta altura, os comandantes do PTB podem não ter gostado da atitude do Sr. FERRARI. Não têm, entretanto, razões de qualquer natureza para excomungá-lo.

Até onde a conduta do Sr. FERRARI terá esvaziado a chefia do Sr. GOULART é coisa que só o futuro comprovará.

O que principalmente irrita os elementos mais próximos do atual

Vice-Presidente da República não será apenas o possível enfraquecimento eleitoral da nova candidatura dêste ao mesmo cargo, porém a chamada "Campanha das Mãos Limpas", lançada, de início, pelo Sr. FERRARI, assemelhando-se a idênticos *slogans*, usados pelo Sr. JÂNIO QUADROS, em seu combate à corrupção.

Seja como for, o gesto do Sr. FERRARI veio complicar e dificultar a solução ou a solidez do provável arranjo entre o PSD e o PTB.

Forçoso é, contudo, reconhecer que esse arranjo se acha, hoje, enormemente distanciado do que os dois partidos realizaram em 1955, para a eleição da chapa KUBITSCHER-GOULART.

Se é verdade que o PSD decaiu nas últimas sucessões estaduais, também o PTB não se apresenta maciço, como há quatro anos. Ambos terão de ceder reciprocamente para a celebração de novo pacto. E o eleitorado decidirá afinal se o consagrará nas urnas.

Embora o Marechal LOTT e chefes militares, que exercem comandos, se venham esmerando em declarar que as Forças Armadas não participam das combinações políticas, nem ameaçam ou ameaçarão a liberdade civil, há muitas apreensões nos círculos políticos, receosos de que a luta acirre as divergências partidárias e possa comprometer a ordem.

De nossa parte, como observadores atentos do que vai acontecendo, não vemos razões para desassossêgo. O embate, segundo tudo indica, limitar-se-á às regras do jogo eleitoral e, mesmo que a propaganda se exceda, como de

costume, em exaltar a uns e deprimir a outros, ninguém pensa senão em prosseguir no ritmo democrático, tão penosamente recuperado depois de oito anos da ditadura paternalista de GETÚLIO VARGAS.

Por outro lado, o antagonismo de 1909, entre civilistas e heremitas, perdeu por completo o sentido. As gerações hodiernas não o entenderiam. A tropa é, na atualidade, a Nação fardada. A caserna não constitui mais uma posição isolada do povo. É uma das casas do povo. Basta pensar que nossa presença na Itália em 1944 e 1945 solidificou os laços entre o soldado e o paisano. Ou, melhor, nivelou um ao outro. Na glória e no sacrifício. Nada une tanto como o último.

Num *tour d'horizon* sobre as posições político-partidárias, tendo-se em vista a futura sucessão, há ainda forças de menor importância eleitoral, mas que precisam ser consideradas. Quanto ao PSP, sua atitude continua indecisa, não obstante as reiteradas afirmativas do Sr. ADEMAR DE BARROS de que não abrirá mão de sua candidatura. O chefe do PSP é trabalhado por dois sentimentos: a ambição de chegar à Presidência e a hostilidade ao Sr. JÂNIO QUADROS. Sobre tudo esta. Não é de crer que persista em tomar outra vez o caminho que conduz ao Catete. Mais provável é que se disponha a usar de seus trunfos (já bastante deteriorados) para prejudicar, em São Paulo, a votação do Sr. JÂNIO QUADROS. Mas ninguém estranhe que, se o Sr. GOULART não se acertar com o PSD, ainda venha

a surgir uma dupla ADEMAR-GOULART. Ou às avessas.

Em relação ao Sr. PLÍNIO SALGADO, não há quem o imagine mais na pele de candidato. Com ou sem camisa verde. Seu papel, no cenário nacional, é um tanto semelhante ao filme de HITCHCOCK — “Um corpo que cai”. Vem, desde 1937, descendo uma penosa ladeira, que começou com as passeatas dos legionários do sigma, com os discursos que anunciavam a posse no Governo para a semana vindoura, até a modesta condição de líder de três deputados em uma Câmara de mais de trezentos.

O Integralismo, como força nacional, é hoje apenas uma teimosa reminiscência. Está reduzido a focos isolados e sem maior importância.

Quanto aos comunistas, prosseguem em seu papel desagregador das forças democráticas. Desmantelados, como partido, centralizam seus esforços em envenenar as lutas naturais e essenciais à índole do nosso regime.

Não dispondo de um eleitorado capaz, senão remotamente, de influir nos resultados dos pleitos, empregam seu espírito diabólico para acirrar os ressentimentos e alargar as separações e os dissídios de classes. O que lhes convém ao objetivo da revolução social é criar a revolta, sobretudo nas massas sacrificadas pelas difíceis condições da vida atual, no Brasil, como em geral no mundo, sempre com as vistas voltadas para a revolução, jamais para uma evolução que conduza ao socialismo. O próprio LENINE o deixou nitidamente explicado: “A luta espontânea do pro-

letariado não se converterá em autêntica "luta de classes" senão quando dirigida por uma forte organização de revolucionários".

A técnica atual dos comunistas é o incitamento ao chamado nacionalismo. É a nova arma que estão manejando, na Ásia, como na África e na América, para indispor as populações subdesenvolvidas contra os Estados Unidos, aos quais atribuem indiferença ou mesmo hostilidade pelo progresso daquelas regiões.

O assunto já tem sido esgotado num largo debate travado em nosso país. É natural que haja nacionalistas de boa-fé e até sinceramente partidários do mundo livre. Mas o desvirtuamento da expressão, o emprêgo dela como emblema de campanhas políticas, o caráter de xenofobia, que lhe estão emprestando seus mais exaltados partidários, conduzem naturalmente o observador a desconfiar da sinceridade e isenção do movimento. Movimento que, de resto, não tem profundidade nem mesmo extensão. Haja vista a recente derrota eleitoral (outubro do ano passado) de muitos dos seus principais epígonos, e, ainda no mês de julho, o Coronel JANARY NUNES foi, por sua vez, batido como candidato a Senador pelo Pará.

É que o povo não se interessou senão superficialmente pela questão. A gritaria é imensa, mas sem encontrar acústica, inclusive nos

grandes centros de adiantamento e cultura.

Tudo leva a considerar o "nosso nacionalismo" ou como uma forma de *poussée* comunista, ou como arma de proselitismo eleitoral, em falta de melhor. Basta considerar a quantidade de definições que se tem dado ao termo nacionalismo. Feitas as contas, os elementos mais insuspeitos ou reduzem ao que deve ser: o patriotismo ou "o patriotismo zangado", como o apelidou com enorme propriedade o Embaixador GILBERTO AMADO.

Para uma boa compreensão dos prognósticos acérca, não só dos resultados da campanha presidencial, como dos seus riscos no tocante à ordem pública, é indispensável verificar-se qual será a conduta do Presidente da República perante as candidaturas em choque.

Se S. Excia. se jogasse, de corpo inteiro, na batalha, empregando a favor de qualquer dos pretendentes a força e o prestígio de seu cargo, as perspectivas seriam sombrias. O povo brasileiro já "oficializou" sua aversão aos chamados "candidatos do Catete". Tôdas as exacerbações políticas do passado não tiveram outra origem senão a da indébita intromissão do Chefe do Governo nessa grave disputa. Nada ilustra melhor este assunto do que a Revolução de 1930.

Felizmente, o Presidente KUBITSCHERK insiste em declarar que não se tornará parte na contenda, como Chefe do Governo.